

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA? O QUE DIZEM OS PROFESSORES E AS PROFESSORAS INICIANTES DAS ESCOLAS MARAJOARAS DE SALVATERRA /PA

GENDER AND SEXUALITY AT SCHOOL? WHAT TEACHERS AND BEGINNING TEACHERS SAY AT MARAJOARAS SCHOOLS IN SALVATERRA /PA

Ramon Roberto de Jesus Barroso¹

Resumo: O objetivo central do texto é discutir se o currículo escolar e as práticas pedagógicas dos/das docentes iniciantes contemplam as temáticas de gênero e de sexualidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque da fenomenologia social. Os dados foram reunidos por meio de entrevistas narrativas e analisados à luz do método documentário, que indicaram dois modelos de orientação a partir das narrativas dos/das docentes entrevistados, ora denominados de “resistência” e o outro de “instabilidade”. Conclui-se que os currículos escolares não atendem as demandas de gênero e de sexualidade e que o cenário não tem sido favorável para tratar desses assuntos nas práticas pedagógicas, mas que apesar disso, há docentes construindo espaços para debater ocasionalmente tais questões em suas práticas de sala de aula.

Palavras-chave: Prática Pedagógica. Currículo. Gênero. Sexualidade.

Abstract: The central objective of the text is to discuss whether the school curriculum and the pedagogical practices of beginning teachers address gender and sexuality themes. This is qualitative research with a focus on social phenomenology. The data was gathered through narrative interviews and analyzed in light of the documentary method, which indicated two models of guidance based on the narratives of the interviewed teachers, sometimes called “resistance” and the other “instability”. It is concluded that school curricula do not meet the demands of gender and sexuality and that the scenario has not been favorable to address these issues in pedagogical practices. Still, despite this, there are teachers creating spaces to debate such issues in their teaching practices occasionally in classroom.

Keywords: Pedagogical Practice. Curriculum. Gender. Sexuality

1 - Mestre em Educação, Universidade do Estado do Pará. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Salvaterra/PA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2075896845551887>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1091-5178>. E-mail: robertoramon787@gmail.com

Introdução

Discutir temáticas relacionadas as questões de gênero e da sexualidade ainda é um tabu na Educação brasileira, mesmo com os avanços nesses campos, ainda observa-se que o silêncio prevalece em muitas instituições escolares quanto se trata da temática em tela, somando-se ao avanço de movimentos ultraconservadores que se opõem a presença dessas questões em sala de aula ou qualquer outro espaço educativo escolar.

Esse cenário, evidencia desafios e possibilidades para a reconfiguração das práticas pedagógicas frente ao tema, tanto para os/as docentes com grande experiência em sala de aula, como para aqueles/aquelas profissionais que estão iniciando sua carreira no magistério.

Mediante essas assertivas, o presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas de professores e professoras iniciantes que atuam em escolas do Município de Salvaterra-Ilha do Marajó, Estado do Pará, referente às temáticas de gênero e da sexualidade. O objetivo central é discutir se o currículo escolar e as práticas pedagógicas dos/das docentes iniciantes contemplam as temáticas de gênero e de sexualidade.

Os caminhos da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com enfoque da fenomenologia social que parte de uma perspectiva interpretativa sobre sentidos e significados estabelecidos nas relações entre diversos sujeitos (BASSALO et al., 2019), nos possibilitando interpretar e compreender os sentidos e significados presentes nas narrativas dos/das docentes iniciantes sobre suas práticas pedagógicas concernentes às temáticas de gênero e da sexualidade.

Os dados foram reunidos por meio de entrevistas narrativas, que buscou “romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas” (WELLER; OTTE, 2014, p. 327). Desse modo, possibilitando aos/as docentes iniciantes retomar suas experiências profissionais nas escolas em que atuam. As entrevistas foram analisados à luz do Método Documentário com a intenção de “reconstruir o sentido subjacente e implícito na fala do entrevistado” (WELLER; OTTE, 2014, p. 328), seguindo as etapas de interpretação formulada e interpretação refletida, conforme postulado por Weller (2005).

No processo de constituição do corpus da pesquisa houve alguns entraves, referindo-se ao fato de que esses estudo foi desenvolvido no período de avanço da pandemia de Covid19 que perdurou no Brasil e no Mundo entre 2020 à 2022, se somando as dificuldades para localizar os/as docentes na categoria iniciante, além da recusa em participar do estudo por parte de algumas docentes.

Para fins de estudo, adotou-se a concepção de Veenman (1988) para definir a categoria professor ou professora iniciante, que compreende a fase iniciante na carreira docente até o quinto ano de sua atuação, fase que corresponde ao período de transição da etapa estudantil para a atuação como professor/professora, que é marcado por tensões e aprendizagens intensivas (MARCELO GARCIA, 1999), além da aproximação de fatores pessoais com aspectos profissionais que podem gerar conflitos determinantes para suas ações futuras e para a própria permanência como docente (PAPI; MARTINS, 2010).

O *corpus* da pesquisa contou com seis participantes, três professores e três professoras, que são: a) docentes da rede municipal de ensino de Salvaterra/arquipélago do Marajó; b) Com tempo de atuação: até 5 anos de experiência em sala de aula; c) estão em exercício nos anos finais do Ensino Fundamental.

Resultados e discussões

Inicialmente indagou-se sobre a presença das temáticas de gênero e da sexualidade no currículo escolar. As narrativas dos/das docentes iniciantes indicam duas posições. A primeira posição anuncia que as “discussões não estão explícitos no currículo formal”, nela as falas

se voltam para a Base Nacional Comum Curricular, indicando que esse documento deixou à margem temas voltados para questões de gênero e da sexualidade e isso dificulta a inserção desses debates nas disciplinas. Esses relatos refletem o processo que culminou na aprovação da BNCC do Ensino Fundamental em 2017, tenso e marcado pela verticalização das decisões que retiraram esses temas do documento final, assim como apontado por Silva (2020)

Na segunda posição, “possibilidades presentes no currículo escolar”, verifica-se nos relatos que há possibilidades nos currículos de Ciências, Artes e Educação física voltados para as questões de gênero e da sexualidade, no entanto, são questões pontuais que revelam as lacunas quanto a inserção desses temas nas propostas curriculares. Conforme Silva (2020) na BNCC também foram removidos, nos componentes curriculares de Educação Física e Artes, “objetos do conhecimento que se propunham a problematizar as questões de gênero, corpo e sexualidade” (p. 145).

Acerca dos sentimentos que atravessam a prática docente ao ter que debater temas referentes ao gênero e a sexualidade, em sua atuação, emergiram duas posições. A primeira posição designada “medo, insegurança e a sensação de incapacidade” as falas demonstram sentimentos negativos quando o assunto em sala de aula são temas voltados para o campo de gênero e da sexualidade. Esses sentimentos são despertados mediante o cenário político e social desfavorável para a discussão dessas questões, principalmente com a ascensão de grupos conservadores que se opõem a esses debates nas escolas. Tais sentimentos evidenciam o cenário recente de avanço dos movimentos e grupos ultraconservadores, “que têm atacado sistematicamente a abordagem de temáticas relacionadas a gênero e sexualidades nas escolas, (...) sob a alegação de que a discussão de tais temas promoveria a “ideologia de gênero” (MATTOS, 2018, 574).

Na segunda posição, as narrativas destacam sentimentos positivos como tranquilidade e conforto quando o tema em discussão são questões de gênero e sexualidade. Esses professores e professoras compreendem a importância dessas temáticas em suas práticas como subsídio para enfrentamento ao preconceito e a discriminação ainda latente na escola e na sociedade.

Quanto as discussões referentes às temáticas de gênero e da sexualidade em sala de aula, delinear-se duas posições. A primeira posição intitulada “os/as docentes não discutem esses assuntos em sala de aula” as falas demonstram que às temáticas de gênero e da sexualidade ainda são temas pouco abordados nas práticas pedagógicas, mesmo que os/as docentes iniciantes tenham consciência sobre a importância do tema, há fatores que dificultam essas discussões, entre eles, a presença do discurso conservador em muitas comunidades.

Essa situação, é reflexo das disputas no campo educacional brasileiro atual, caracterizado por um embate entre um pensamento pedagógico de natureza moralmente conservadora que busca “retirar da escola temas considerados políticos, ideológicos, questões de gênero e sexualidade” (SEFFNER, 2020, p. 6), e de outro lado, um pensamento de natureza progressista “que eleva o valor da diversidade, reconhece o caráter de negociação entre as diferenças do espaço público, toma a escola como locus privilegiado para a alfabetização científica em todos os campos” (SEFFNER, 2020, p. 6).

Na segunda posição, “os/as docentes debatemos assuntos em sala de aula ocasionalmente” verifica-se nos relatos maneiras para discutir esses temas ocasionalmente durante as aulas presenciais, pois, esses assuntos não estão evidentes nas propostas curriculares de suas áreas de conhecimento. Cabe aos docentes sensíveis às questões de gêneros e da sexualidade desenvolverem estratégias pedagógicas transversais sobre essas questões em suas atividades, considerando a ausência de “instrumento legal, que oriente e legitime a abordagem a gênero, sexualidade, e outros marcadores sociais de diferença, e dada a existência de uma perseguição aos estudos de gênero e sexualidade” (SILVA, 2020, p. 159).

Também destacou-se o período de atividades remotas, emergindo dois posicionamentos. A primeira posição “os/as docentes não abordam esses assuntos nas aulas remotas” demonstra que os/as docentes não debateram as temáticas de gênero e da sexualidade nas atividades remotas, devido às limitações das metodologias utilizadas no ensino remoto, evidenciando que “o ensino remoto vem sendo apontado como modalidade de ensino, mas, contraditoriamente, não tem garantido condições mínimas para professores e alunos” (GUIMARÃES; BARRETO,

2021, p. 258), principalmente se tratando do debate dos temas em tela, dada as condições de ensino possibilitadas pela rede municipal de ensino de Salvaterra, que se restringiram às atividades dirigidas.

Na segunda posição “os/as docentes abordam questões de gênero no ensino remoto” verificou-se que nas atividades remotas às temáticas de gênero e da sexualidade foram abordadas de formas específicas por meio das discussões sobre as relações de gênero nas disciplinas de Arte e Educação Física e sobre os movimentos sociais na disciplina de Estudos Amazônicos.

Considerações Finais

Conforme as narrativas, definiu-se dois modelos de orientação denominados de “resistência” e o outro de “instabilidade”.

O primeiro modelo “resistência” reúne os relatos dos professores e das professoras que tratavam ocasionalmente das temáticas de gênero e de sexualidade em suas práticas pedagógicas, seja no ensino presencial ou nas atividades remotas. As narrativas desses/dessas docentes indicam que suas práticas pedagógicas são interpeladas por um currículo formal que não contempla aspectos de gênero e de sexualidade, somando-se a presença do conservadorismo nas comunidades escolares, que se opõem aos debates em sala de aula e/ou qualquer espaço educativo. Todavia, os relatos demonstraram que esses/essas docentes se recusavam a seguir essas limitações, construindo espaços para debater ocasionalmente tais questões em suas práticas corriqueiras.

O segundo modelo “instabilidade” suscitou das narrativas dos professores e das professoras que não discutiram as temáticas de gênero e de sexualidade em sala de aula e que também narram o sentimento de medo e de insegurança diante de tais debates. Essas narrativas são orientadas por sentimentos negativos, mediante as incertezas quanto a reação das famílias dos/das estudantes, demonstrando que o cenário não tem sido favorável para tratar desses assuntos em suas práticas pedagógicas, pois tem prevalecido os discursos conservadores que buscam cercear tais discussões no campo educacional. Diante disso, os/as docentes relatam que o pensamento conservador continua presente em muitas comunidades, inclusive dentro das próprias escolas.

Dito isso, as reflexões engendradas por essa pesquisa indicam que necessita-se da criação de políticas de formação de professores voltados para as temáticas de gênero e da sexualidade, a reformulação dos currículos que não atendem a essas demandas, conseqüentemente a oposição ao modelo proposto pela BNCC, o estreitamento da relação sociedade-escola para garantir apoio aos docentes que possuem intencionalidades para com esses temas e a constante reflexão sobre o papel da escola e do docente no acolhimento às diferenças.

Referências

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga *et al.* A fenomenologia social e a investigação qualitativa em educação: reflexões iniciais. In: PIMENTEL, A.; MALCHER, N. **Diálogos interdisciplinares em saúde**. Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

GUIMARÃES, Juliana Carlos; BARRETO, Maria da Apresentação. Ensino remoto: mediações e dificuldades experimentadas pelos professores. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v.8, n. 35, p. 250-260, fev. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5577>.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

MATTOS, Amanda Rocha. Discursos ultraconservadores e o truque da “ideologia de gênero”: gênero e sexualidades em disputa na educação. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 573-586, 2018.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.03, p.39-56, dez. 2010.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.

SEFFNER, Fernando. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, histórias**, v. 8, n. 16, p. 138-162, jul./dez.

VEENMAN, S. El proceso de llegar a ser profesor: un análisis de la formación inicial. *In*: VILLA, A. (Coord.). **Perspectivas y problemas de La función docente**. Madrid. Espanha: Narcea, 1988. p. 39-68.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Porto Alegre, a. 7, n. 13, Pp. 230-300, jan/jun. 2005.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documentário: exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. **Civitas**. Porto Alegre, v.14, n.2, p.325-340, maio-ago. 2014.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 27 de outubro de 2023.